O *status* de língua da Libras

Neste capítulo, a tarefa a cumprir é entender por que a Libras é uma língua e a razão pela qual seu estudo sistemático é necessário. Para tanto, apresenta-se um histórico da origem das línguas de sinais e da Libras. Em seguida, as propriedades linguísticas próprias das líguas naturais são evidenciadas na Libras, movimento que permite desfazer certos mitos em relação a essa língua. Por fim, após refletir sobre a necessidade de estudo da Libras mesmo para seus usuários, é apresentado um sistema de transcrição cujo papel é auxiliá-lo em seus estudos sobre a natureza linguística da Libras.

A Libras enquanto língua

Antes de se falar especificamente da Libras, cabe um retorno à origem das línguas de sinais, seus registros históricos, para que se possa entender como, de certa forma, o ensino das línguas de sinais em escolas determinou o desenvolvimento dessas línguas. A seguir, após esse panorama sobre a origem e evolução das línguas de sinais, a Libras será tratada no que diz respeito a sua origem específica, a sua regulamentação como língua oficial dos surdos brasileiros e à razão pela qual ostenta o título de língua natural.

Por ser uma língua ágrafa, não há registro da origem da língua de sinais, mas, possivelmente, ela se desenvolveu na mesma época que a língua oral. Diz a lenda que os surdos eram adorados no Egito, como se fossem deuses, porque serviam de mediadores entre os Faraós e os deuses, já que eram tidos como seres místicos. As primeiras referências aos surdos aparecem na época da Lei Hebraica. Na China, os surdos eram lançados ao mar; os gauleses os sacrificavam aos deuses Teutates; em Esparta, eram lançados do alto dos rochedos. Na Grécia, os surdos eram encarados como deficientes mentais e muitas vezes eram condenados à morte. Os romanos viam os surdos como seres imperfeitos, e assim lançavam as crianças surdas no rio. Mais tarde, Santo Agostinho defendia que os surdos podiam se comunicar por meio de gestos, contudo, acreditava que os pais estavam pagando por algum pecado. Até a Idade Média, a Igreja Católica acre-

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

ditava que os surdos eram incapazes de proferir os sacramentos, diferentemente dos ouvintes, pois não possuíam alma imortal. Em seguida, passa-se para a perspectiva da razão, em que a deficiência passa a ser analisada sob a óptica médica e científica, quando sai da perspectiva religiosa, no início do Renascimento. Foi na Idade Moderna que Pedro Ponce de León (1520-1584), padre católico, criou a primeira escola para surdos no Mosteiro de San Salvador (Espanha), e se dedicou a ensinar os filhos surdos de pessoas nobres para que pudessem ter privilégios perante a lei. León desenvolveu um alfabeto manual, que ajudava os surdos a soletrar as palavras. Juan Pablo Bonet (1579-1629), aproveitando o trabalho iniciado por León, foi educador de surdos, escreveu sobre as maneiras de ensinar os surdos a ler e a falar, por meio do alfabeto manual. Sempre, contudo, esses modelos tinham base oralista – gesto e oralidade, alfabeto manual e oral.

No século XVIII, Charles-Michel de l'Épée (1712-1789), um padre francês, reconheceu a existência da língua de sinais (antiga Língua Gestual Francesa) e que seu desenvolvimento servia como base de comunicação entre os surdos que se comunicavam nas ruas de Paris, utilizando a datilologia/alfabeto manual. Fundou a primeira escola pública de surdos no mundo, o Instituto Nacional para Surdos-Mudos em Paris, que existe até hoje com o nome de "Instituto Nacional de Jovens Surdos". Sua metodologia era respeitada e acreditava-se ser o modelo correto para educação de surdos.

Thomas Braidwood (1715-1816) fundou, na Europa, a escola oralista de surdos para correção da fala. Após muitas discussões por todo o mundo, chegou-se à conclusão de que era possível, sim, que o surdo falasse. Baseado nisso, Jean Marc Itard (1800-1838), primeiro médico a interessar-se pelo assunto, usou métodos não convencionais em suas pesquisas, como: cargas elétricas, sangramentos, perfuração de tímpanos e outras aberrações. Em abril de 1817 é fundada a primeira escola para surdos permanente dos EUA, a Escola Hartford, por Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851), educador, ouvinte, que acompanhado de Laurent Clerc (1785-1879), surdo francês, um dos melhores alunos do Instituto para Surdos de Paris, se tornou educador. Eles instituem nessa escola a Língua Gestual Americana, sendo que essa instituição também existe até hoje e é considerada o centro de pesquisas sobre surdez no mundo.

O famoso Alexander Graham Bell (1847-1922), criador do telefone, trabalhava na oralização dos surdos e veio a se casar com uma surda, Mabel, de família que tinha tradição em educação de surdos na Europa, embora sua família não aceitasse a língua gestual. No Congresso de Milão, em 1880, admite que os surdos deveriam ser oralizados durante um ano, mas se isso não trouxesse

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

resultado, poderiam, então, ser expostos à língua gestual. Durante o século XVIII, na Europa, surgem duas tendências adversas na educação dos surdos antes do Congresso de Milão: o método francês, chamado de gestualismo, e o oralismo, ou método alemão. Em 1880, houve um momento obscuro na história da educação dos surdos. Foi durante o famoso congresso de Milão, com duração de três dias, quando um grupo de ouvintes resolveu que a língua de sinais deveria ser excluída do ensino dos surdos, sendo substituída pelo oralismo. Durante o fim do século XIX e grande parte do século XX, o oralismo foi a técnica preferida na educação dos surdos, sendo que a luta entre o oralismo e a língua de sinais continua até os nossos dias, o que se depreende da afirmação de Quadros (1997), em seu livro sobre a educação de surdos e aquisição da língua de sinais, segundo a qual a permissão ou não permissão para o uso de línguas espaciais-visuais interferiu no processo histórico e na vida das pessoas pertencentes a comunidades surdas.

Em relação ao Brasil, não foi diferente nos séculos passados, experimentou-se as três linhas de abordagens: oralismo, comunicação total e bilinguismo. O oralismo, utilizado na década de 1960 e 1970, é o nome dado àquelas abordagens que enfatizam a fala (da língua utilizada no país) e a amplificação da audição e que rejeitam de maneira explícita e rígida qualquer uso da língua de sinais. Técnicas específicas são utilizadas para desenvolver o método do oralismo, sendo elas: treinamento auditivo, desenvolvimento da fala e leitura labial; contudo, o fracasso dos alunos surdos era visível. Em seguida, veio a comunicação total, cuja proposta oralista é transformada e se consolida, não como método, mas como uma filosofia educacional. Por não explicitar claramente procedimentos de ensino, a comunicação total, na década de 1970, é incorporada, em diferentes lugares, em versões muito variadas, caracterizando-se, basicamente, pela aceitação de vários recursos comunicativos, com a finalidade de ensinar a língua majoritária – a língua oficial do país, no caso, a língua portuguesa – e promover a comunicação utilizando gesto, mímica e fala. Seguiu-se, então, a filosofia bilíngue, na década de 1980, que possibilitaria a relação do surdo adulto com a criança surda[1], permitindo, assim, uma construção de identidade e que respeitaria a Libras – respeitar a língua do surdo não quer dizer que se deva menosprezar a língua dominante do país, mas apenas ter o domínio da Libras como primeira língua e, consequentemente, ter o português escrito/falado como segunda língua.

Desse relato, já é possível compreender que a história da evolução das línguas de sinais, inclusive a Libras, foi marcada pela intervenção autoritária, muito por

[1] O modelo para criança surda deve ser um adulto surdo ou uma pessoa ouvinte que domina a Libras, para que sua identidade e sua língua sejam formadas nos seus primeiros anos de vida. Infelizmente, as crianças surdas não têm nem a língua portuguesa oral/escrita e nem a Libras e, consequentemente, recebem sua primeira língua atrasada. Pela nossa experiência em escola de surdos, o modelo ideal é o bilinguismo – Libras e português escrito.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

desconhecimento, daqueles que formulavam as políticas de ensino para surdos. Mesmo que a intenção subjacente de tais políticas fosse ajudar o surdo, o que se fez ao proibir o ensino e o uso das línguas de sinais foi um retrocesso no processo de crescimento dessas línguas. Imagine o quanto não se perdeu em vocabulário, estrutura, sofisticação de conceitos "apenas" porque os surdos foram impedidos de usar livremente sua língua natural. Os reflexos dessas políticas ainda podem ser vistos no desconhecimento que muitos têm sobre a Libras, e não se está pensando neste momento somente no ouvinte, mas também nos surdos, já que muitos deles não têm acesso, ainda hoje, a essa língua. As línguas, orais ou de sinais, evoluem por meio do uso, são as necessidades do dia a dia, das tarefas que precisam ser executadas, das mensagens que precisam ser dadas que fazem com que qualquer língua amplie seu vocabulário, cunhe conceitos novos, padronize uma variedade de língua que será considerada a culta, entre outras coisas.

A Libras teve sua origem na Língua de Sinais Francesa por influência de Hernest Huet, surdo francês, que chegou ao Brasil em 1856, a convite de D. Pedro II, para fundar a primeira escola para meninos surdos, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que foi inaugurado no dia 26 de setembro de 1857, o qual recebeu o nome de Imperial Instituto de Surdos-Mudos, com o propósito de desenvolver a educação dos surdos brasileiros. Hernest, o professor surdo, negociava a criação do instituto de surdos através de cartas com o imperador D. Pedro II, as quais encontram-se no Museu Imperial de Petrópolis (RJ). Aconteceu com a Libras um processo de colonização de língua, tal como se deu entre o português para os brasileiros. Nesse sentido, quando os portugueses vieram colonizar o Brasil, se depararam com uma série de línguas indígenas, e mais especificamente uma língua geral, usada para negociações entre as diferentes tribos. Ao longo dos anos, por uma série de fatores que não cabe explicar neste momento, o português de Portugal foi se mesclando a essa língua geral e, posteriormente, recebeu influências de outras línguas como o italiano, o francês e o árabe, resultando no português que hoje se fala no Brasil, o qual difere em muitos aspectos da língua que lhe deu origem. Portanto, quando Huet chegou ao Brasil os surdos já deviam possuir um sistema de comunicação, que se mesclou à língua francesa de sinais, originando a Língua Brasileira de Sinais, a qual também difere em muitos aspectos da língua que lhe deu origem.

Como visto, a Libras tem uma história de evolução ao longo dos anos, como qualquer outra língua natural. Assim como as línguas orais, as línguas de sinais nascem para suprir uma necessidade de comunicação. A diferença reside no canal de recepção e nos meios de produção, pois, devido à impossibilidade de ouvirem uma língua falada, os surdos desenvolvem a habilidade linguística de

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

outra maneira, fazendo uso do espaço e da visão. Então, uma língua de natureza espaço-visual não se configura como uma barreira perceptual no processo de aquisição dos surdos, já que essa é a língua natural dos surdos. Todavia, nem sempre essa condição de língua natural foi aceita em relação às línguas de sinais. Não há muito tempo, as línguas de sinais eram vistas apenas como gestos, mímica, um sistema de comunicação inferior, pobre, sem gramática, cujo único proveito era expressar conceitos concretos. Essa visão só começou a ser superada a partir da década de 1960, com a publicação, nos Estados Unidos, do primeiro trabalho conhecido sobre línguas de sinais, por William Stokoe.

As discussões de Stokoe (1960, *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004) para a língua americana de sinais foram tomadas como ponto de partida para o estudo de outras línguas de sinais, como a Libras. As discussões empreendidas pelo autor começam com a descrição da modalidade da língua, destacando que suas propriedades internas correspondem a critérios colocados por universais linguísticos e que a distinção está em sua forma de produção e recepção: "[...] as investigações mostram que as línguas de sinais, sob o ponto de vista linguístico, são completas, complexas e possuem uma abstrata estruturação em todos os níveis de análise" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 36-37). A partir daí, o interesse pelo estudo das línguas de sinais na condição de línguas naturais cresceu significativamente, mesmo esparsos e em pequeno número, esses estudos levaram a uma reflexão do importante papel dessas línguas para as comunidades surdas. As comunidades surdas, por sua vez, viram nos estudos linguísticos das línguas de sinais um argumento científico, entre tantos outros de ordem diversa mas de igual importância, para lhes requerer o reconhecimento legal. O Brasil é um dos países que já oficializou a língua de sinais de seu país – a Libras – como língua própria dos surdos brasileiros. Segundo a legislação vigente, desde abril de 2002, a Libras constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil, nas quais há uma forma de comunicação e expressão, de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria. A oficialização da Libras foi de extrema importância, e ainda é, para a luta por políticas públicas de educação bilíngue para surdos, com a presença de professores sinalizadores e/ou intérpretes em sala de aula. O reconhecimento legal, no entanto, não significa que a Libras deva parar de ser estudada em suas características linguísticas. Afinal, conhecer bem a natureza linguística da Libras é condição necessária para o seu ensino. Portanto, na seção a seguir, a Libras será abordada em relação às propriedades linguísticas responsáveis por caracterizá-la como língua natural.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

As propriedades da língua na Libras

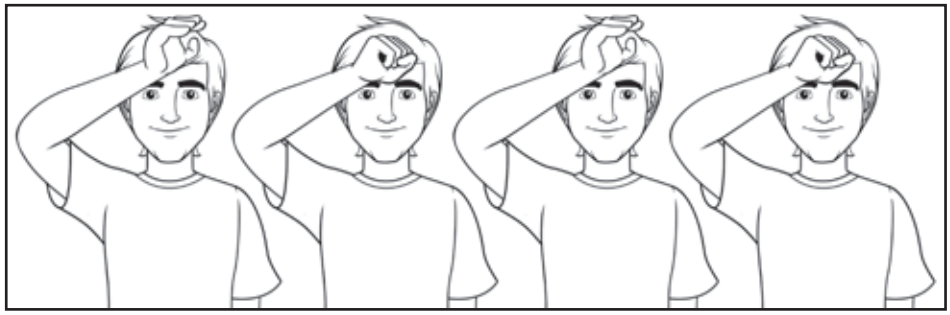
A Libras, na sua condição de língua natural, como visto na seção anterior, é tão complexa e sofisticada quanto qualquer outra língua oral, apresentando as mesmas propriedades linguísticas. Portanto, adiante são expostas as propriedades linguísticas compartilhadas pelas línguas naturais e a forma como se manifestam na Libras.

A primeira característica apontada nas línguas naturais, contrastando com a comunicação estabelecida por animais, é a *flexibilidade* e *versatilidade*. Ela diz respeito às várias possibilidades de uso da língua em diversos contextos. As línguas de sinais são empregadas em várias situações, cumprindo muito bem as funções para as quais são requisitadas, como compor poesias, criar piadas, discutir política e filosofia, refletir sobre a vida, falar sobre a própria língua, falar das coisas comuns do dia a dia etc.

A *arbitrariedade* dá conta de que as palavras, os sinais, são convenções sociais acordadas entre os usuários de uma determinada língua, daí não haver relação direta entre muitas palavras (sua forma) e o significado a que remetem. A língua de sinais, ao contrário do que muitos pensam, apresenta palavras cuja forma não tem relação direta com o significado. Alguns exemplos transcritos da Libras (na última seção há um quadro explicativo sobre a transcrição empregada): PRIMO; MULHER^BENÇÃO (mãe), CONHECER.

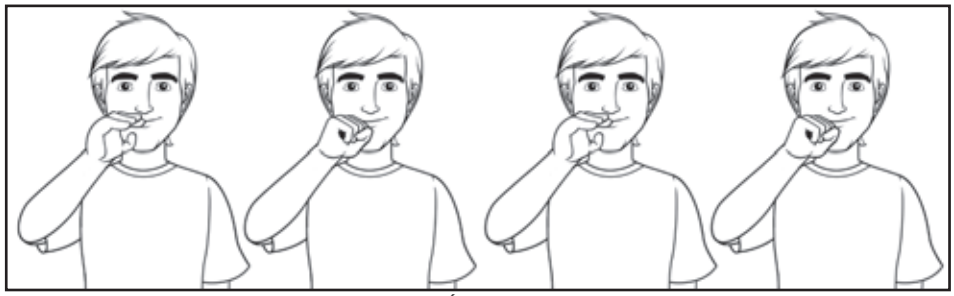
A questão da forma e do significado referido por ela, aliás, traz à tona a *descontinuidade*: pequenas diferenças na forma das palavras, por exemplo, podem gerar grandes diferenças no significado. Na Libras, os sinais são formados por meio de cinco parâmetros: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação (O) e expressão facial-corporal (EFC). A alteração de um dos parâmetros na formação de um dado sinal resulta num sinal diferente ou, às vezes, num sinal inexistente. Isso significa que pequenas alterações na formação de um sinal levam a significados diferentes. Assim, os sinais APRENDER e SÁBADO apresentam em comum CM, M, O, sendo que o parâmetro EFC não é determinante na constituição desses dois sinais, estando a diferença apenas no PA. O sinal de *aprender* é articulado em frente à testa, e o sinal de *sábado*, em frente à boca do sinalizador.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br



IESDE Brasil S.A.

APRENDER.



IESDE Brasil S.A.

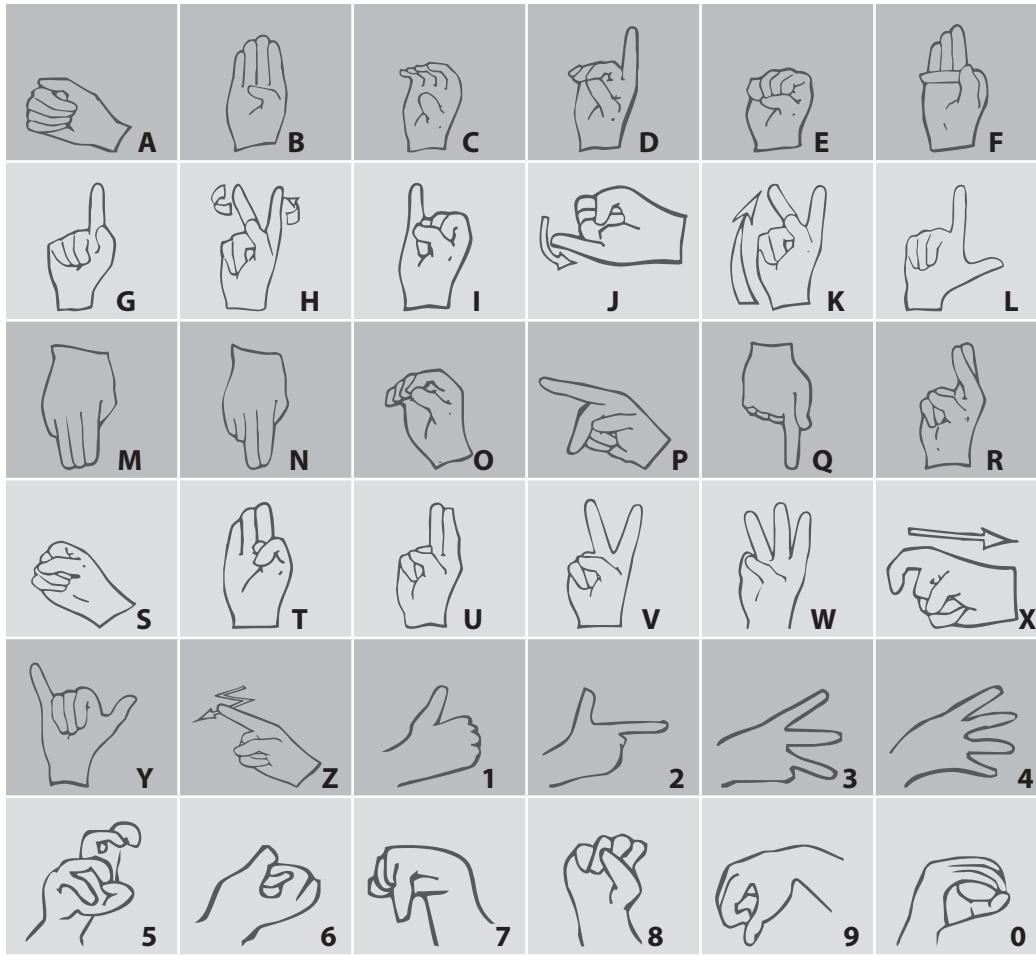
SÁBADO.

Além de a Libras permitir ao seu usuário falar sobre o assunto de seu desejo, ela fornece inúmeras possibilidades de transferência para uma mesma informação, já que a partir de um número finito de elementos combináveis e recombináveis por meio de regras também finitas, é possível elaborar um número de sentenças infinitas. Isso é possível, inclusive, mesmo quando o usuário nunca se deparou com uma estrutura em particular. A essa propriedade se dá o nome de *produtividade/criatividade*. Desse modo, estruturas como J-O-Ã-O GOSTAR M-A-R-I-A PORQUE ELA EDUCADA podem ser produzidas através do aprendizado adquirido de outras estruturas: EU GOSTAR ELA; EDUCADA ELA; J-O-Ã-O ESTUDAR$_{muito}$ PORQUE ELE INTELIGENTE.

A fim de produzir os enunciados da língua, a Libras conta com a propriedade denominada de dupla articulação. A dupla articulação se refere ao fato de as línguas se articularem em dois planos, no primeiro as formas não possuem significado, no segundo, por meio da combinação das formas sem significado se obtêm unidades com significado. Retomando a questão da formação de sinais, se você pensar isoladamente na CM dos sinais de APRENDER e LARANJA, mão na forma de "S", CM encontrada no quadro a seguir, verá que, por si só, ela não apresenta significado, é apenas um elemento menor que comporá, por meio de sua combinação com outros parâmetros, unidades maiores dotadas de significado.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Quadro 1 – Configurações de mão usadas na representação do alfabeto da língua portuguesa e dos números de 0 a 9



As combinações tratadas no parágrafo anterior não ocorrem aleatoriamente, elas seguem um *padrão* de estruturação nos diferentes níveis – fonológico, morfológico, sintático e semântico. Isso implica que ao usar a Libras o indivíduo precisa respeitar as regras de combinação por ela apresentada(s). Infringir as regras, sair do padrão da língua, resulta em sentenças agramaticais como: * ELE ELA CONHECER. O padrão linguístico está vinculado a outra propriedade reconhecida nas línguas naturais, a *dependência estrutural.* As línguas constroem os enunciados por meio de estruturas dependentes que permitem o entendimento da estrutura interna de uma sentença. Isso significa que certos elementos são subordinados a outros na estrutura das sentenças. Por exemplo:

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

1. * ELE ELA CONHECER
2. ELE CONHECER ELA
3. * EU GOSTAR SEMPRE MAÇÃ
4. SEMPRE EU GOSTAR MAÇÃ

As sentenças (1) e (2) são agramaticais porque não respeitam a dependência estrutural da Libras. No primeiro caso, o objeto (ela) não pode ocupar a posição ao lado do sujeito (ele) e antes do verbo (conhecer), pois nessa posição o sinal não é reconhecido como objeto que completa o significado do verbo. No segundo caso, o advérbio (sempre) não pode interromper a relação entre o verbo (gostar) e o objeto (maçã).

Terminada a exposição dos motivos evidenciadores da natureza linguística da Libras, certo de se tratar de uma língua não apenas de direito – porque se encontra oficializada como língua –, mas de fato, você, estudante, pode se ocupar, mais bem fundamentado, de analisar os mitos envolvendo a Libras na sua condição de língua de sinais.

Velhos, novos conhecidos: os mitos sobre a Libras

Ainda que avanços significativos tenham sido feitos no estudo da Libras e das línguas de sinais em geral, há uma carência da disseminação desses saberes, acarretando na existência e manutenção de algumas inverdades sobre as línguas de sinais que são aceitas como procedentes por muitas pessoas. São os velhos e, ao mesmo tempo, novos mitos sobre as línguas visuais. Então, o objetivo nesta seção é avaliar alguns desses mitos, com base no exposto por Quadros e Karnopp (2004, p. 31-37), de modo a esclarecer que se tratam de falsas afirmações e mostrar por que não condizem com a realidade das línguas de sinais.

O primeiro mito apregoa que as línguas de sinais seriam incapazes de expressar conceitos abstratos, pois seria apenas uma mistura de gestos e mímica. Essa concepção equivocada nasce da confusão de se entender os sinais como gestos. Afinal, os gestos não permitem a abstração das palavras, que podem nomear ou falar sobre algo mesmo quando esse algo não está presente, ou mesmo que ele não exista enquanto entidade física. Mas a verdade é que os sinais são palavras, eles permitem falar sobre pessoas ou objetos ausentes, sobre ideias, e não apenas sobre coisas concretas. Os sinais das línguas visuais apresentam a mesma possibilidade de simbolismo e abstração que as palavras das línguas orais.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Esse primeiro mito, línguas visuais serem apenas gesto e mímica, leva ao segundo. Posto que gestos não são arbitrários, são icônicos – isto é, sua forma tem relação direta com aquilo a que se referem –, muitos acreditam na existência de uma única língua de sinais, falada por todos os surdos. Porém, estudos linguísticos comprovaram que as línguas de sinais são diferentes entre si, cada comunidade surda de um dado país apresenta vocabulário e regras gramaticais próprias. Algumas línguas de sinais são aparentadas, têm uma origem comum, como a Libras e a ASL, que nasceram a partir da língua de sinais francesa. Mas isso também se verifica em línguas como o português e o italiano, originadas do latim. Assim, ASL e Libras, como também português e italiano, compartilham características em comum, mas em hipótese alguma seus usuários podem trocar informações como se elas fossem a mesma língua.

Outro mito que menospreza a complexidade linguística das línguas de sinais é o que as considera subordinadas às línguas orais, sem uma gramática organizada, precisando usar seus sinais na estrutura gramatical das línguas orais. Na verdade, como visto antes, as línguas de sinais são línguas de fato, com uma complexa organização estrutural em todos os níveis de análise. Além disso, considerar a língua de sinais subordinada a línguas orais é um equívoco, já que a Língua Brasileira de Sinais, por exemplo, teve sua origem na língua francesa de sinais, e a língua portuguesa de sinais, por outro lado, desenvolveu-se a partir da língua britânica de sinais. Não se pode, convém observar, confundir empréstimos linguísticos com subordinação. Fosse assim, nossa língua portuguesa estaria subordinada ao inglês pelos termos que lhe toma emprestado e agrega, na forma inglesa mesmo, ao vocabulário nacional brasileiro.

Por fim, para finalizar a análise de alguns mitos apontados por Quadros e Karnopp (2004, p. 31-37), muitas pessoas pensam, por se tratarem de línguas visuais, articuladas espacialmente, que a localização da língua de sinais no cérebro deve ser do lado direito, responsável pelo processamento de informação espacial, e não do lado esquerdo, próprio da linguagem. Essa ideia, contudo, é derrubada por pesquisas envolvendo surdos com lesões em um dos hemisférios. Os resultados apontam que danos no lado direito prejudicam o processamento de informações puramente espaciais. Nesse caso, se for solicitado ao surdo, em uma sala qualquer, que se encaminhe para o lado esquerdo da porta de saída da sala, ele compreenderá o que deve fazer, mas não poderá executar a tarefa por não conseguir identificar qual seria o lado esquerdo da porta. Já lesões no lado esquerdo do cérebro afetam a produção e compreensão da língua, deixando intactas as informações puramente espaciais. Nesse caso, se fosse solicitado ao surdo a mesma tarefa, ele não a poderia executar por não compreender no

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

que ela consiste. Não se pode esquecer, todavia, que tanto em línguas visuais como orais essa questão de localização da língua é bem complexa, pois lesões em áreas muito semelhantes nem sempre acarretam nos mesmos danos. Não bastando isso, a literatura cognitiva aponta casos de pessoas que, afetadas por lesões no hemisfério esquerdo na infância, especializaram o lado direito do cérebro para desenvolver também a função linguística, fato creditado à plasticidade cerebral, responsável por desenvolver mecanismos compensatórios quando há condição para tal.

Para que estudar a Libras?

A essa altura, estudante, você deve estar se perguntando "mas por que eu, que sou usuário da Libras, tenho que estudar essa língua?". Se você realmente se fez essa pergunta, é porque está à procura de um motivo para tal estudo, e se ainda não encontrou a resposta, pode construí-la a partir desta seção.

Divagando um pouco, pode-se dizer que existem muitos motivos para alguém fazer algo. Vale lembrar, contudo, que não se está falando de algo inespecífico, um "algo qualquer", tampouco se está falando de um alguém genérico, um "qualquer um". A resposta que se pretende construir é para a pergunta "por que um *intérprete de Libras* precisa *estudar Libras*?". Está se falando, então, de um alguém que é, ou pretende ser, intérprete de Libras, e de algo, a Libras, que é condição necessária para o desenvolvimento dessa profissão. Portanto, a resposta a que se chega é que o estudo da Libras é necessário porque indispensável ao desempenho do intérprete. É um motivo que tem por trás uma finalidade, um objetivo, daí o título desta seção ser "Para que estudar Libras?" e não "Por que estudar Libras?".

No entanto, neste ponto, você deve estar pensando, "Mas eu já sei essa língua, eu uso essa língua, se eu não a soubesse, aí sim deveria estudá-la." Acontece que saber uma língua com base em seu uso não é condição suficiente para ser intérprete. Paralelamente, é possível fazer a seguinte reflexão. Uma pessoa que fala a língua do país onde vive, o português, por exemplo, não pode ser considerada apta a ensinar essa língua se não empreendeu estudos específicos para isso. Ser usuário de uma língua dá ao indivíduo um conhecimento intuitivo sobre ela, conhecimento muito importante e útil, é verdade, mas que, sozinho, não é suficiente para exercer funções, como tradutor, intérprete, professor de língua, que exigem um conhecimento técnico, consciente e sistemático da língua a ser traduzida, interpretada ou ensinada.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Por conhecimento técnico, consciente e sistemático da língua, deve-se entender o conhecimento construído por meio de estudo, que envolva os aspectos gramaticais, morfológicos, semânticos, pragmáticos, entre outros. Mas esse conhecimento não deve ser pensado do ponto de vista de "acúmulo de informações", ele deve ser útil ao dia a dia do profissional, deve permitir solucionar problemas de tradução e interpretação:

> Na maioria das vezes a tradução é feita por escritores, pessoas que os editores têm mais à mão, quando não primas pobres, os tios inválidos ou as cunhadas desocupadas destes mesmos escritores. Mais de uma vez, o escritor empresta apenas o nome à tradução sem deitar-lhe sequer uma olhada. Mas ainda que seja ele mesmo o autor do trabalho, *nem sempre a sua qualidade de escritor constitui uma garantia*. O que normalmente acontece é um ficcionista, um poeta ou um jornalista *aceitarem traduzir* um livro francês, inglês ou castelhano, *pelo fato de estarem habituados a ler obras escritas nesses idiomas*. *Os mais inteligentes e conscienciosos não tardam a reconhecer a sua falta de preparo e tentam supri-la por meio de estudos, consultas a pessoas e livros*; os mais limitados vão galhardamente matando centenas de páginas, seguros da impunidade. (RÓNAI, 1976, p. 9, grifo nosso)

Sistemas de transcrição da língua de sinais

Ao se estudar uma língua com o objetivo de conhecer suas características estruturais, é preciso lançar mão de algum recurso que permita ao pesquisador registrá-la para posterior análise. Esse é o papel dos sistemas de transcrição, pois permitem ao pesquisador registrar os enunciados da língua de forma que ele os possa analisar mesmo quando não está presente no momento em que o enunciado foi produzido. A transcrição é muito útil, além disso, porque permite a outros pesquisadores estudarem uma língua que foi transcrita anteriormente. Por exemplo, um pesquisador em particular pode fazer uma transcrição de dados – enunciados produzidos por sinalizadores fluentes na língua – com o intuito de estudar a morfologia da Libras. Um outro estudioso pode se valer da mesma transcrição para analisar as regras gramaticais dessa língua. Isso é possível graças ao caráter convencional dos sistemas de transcrição.

> A transcrição consiste na representação gráfica de um enunciado, por meio de um conjunto de símbolos especiais, para fins de estudo.

Para os objetivos deste curso, você vai aprender a lidar com o Sistema de Notação por Palavras, criado e desenvolvido pela pesquisadora da Língua Brasileira de Sinais Tânia Amaro Felipe, no ano de 1998. Pela clareza da transcrição, o sistema foi muito aceito, não só por pesquisadores brasileiros que atuavam nesse

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

período, mas também por outros que desenvolviam trabalhos com línguas de sinais. Assim, ao longo do curso, sempre que útil às discussões, a transcrição por notação será empregada. A seguir, há um quadro com exemplos de notações e a convenção subjacente a cada um.

Sistema de notação por palavras	Convenção
CASA	Os sinais da Libras são representados por itens lexicais da Língua Portuguesa em letras maiúsculas.
CORTAR-COM-FACA	Os sinais que são traduzidos por mais de uma palavra no português são representados pelas palavras correspondentes e separadas com hífen.
CAVALO^LISTRA (zebra)	Os sinais compostos da Libras, quer dizer, aqueles que necessitam de mais de um sinal para representar uma ideia são representados por palavras do português separadas por ^.
J-O-Ã-O	O alfabeto manual utilizado para expressar nomes que não tenham sinal na Libras são representados letra por letra separadas por hífen.
N-U-N-C-A	Um sinal soletrado, quer dizer, aquelas datilologias que, por empréstimos linguísticos do português, receberam um movimento próprio da Libras e passam a pertencer a esta língua são representados letra a letra, separadas por hífen e de forma itálica.
AMIG@	Como na Libras não há marcação para gênero, quer dizer, a notação pode estar se referindo a amigo ou amiga, usa-se o símbolo @ para esta classificação.
NOME $_{\text{interrogativa}}$	Marcação de sinais não manuais realizados simultâneos aos sinais manuais. Neste caso, uma pergunta: qual seu nome?
SABER $_{\text{negação}}$	Marcação de sinais não manuais realizados simultâneos aos sinais manuais. Neste caso, uma negação: não sei.
ADMIRAR $_{\text{exclamativo}}$ **LONGE** $_{\text{muito}}$	Marcação de sinais não manuais realizados simultâneos aos sinais manuais para denotar advérbio de modo ou intensificador.
ANDAR $_{\text{pessoa}}$ **ANDAR** $_{\text{veículo}}$	Verbos com concordância para pessoa, objeto e animal são representados com o sujeito subscrito.
$_{1s}$ **DAR** $_{2s}$ **Eu dou a você.** $_{2s}$ **PERGUNTAR** $_{3p}$ **Você pergunta para El@s**	Verbos com concordância para as pessoas gramaticais serão representadas com o seu correspondente subscrito: 1s 2s 3s = 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular. 1d 2d 3d = 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do dual. 1p 2p 3p = 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do plural.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Sistema de notação por palavras	Convenção
$_{d}$ANDAR$_{e}$ **Andar da direita para esquerda.**	Verbos com concordância para lugar serão representados com seu correspondente subscrito: d = direita e = esquerda
MENINA +	Marca de plural pela repetição do sinal.
*** J-O-Ã-O M-A-R-I-A GOSTAR**	Frases que não respeitam as regras de estruturação gramatical da língua são agramaticais, recebem o sinal de asterisco como indicativo.

Essas são as principais notações que lhe serão úteis ao longo do curso. Agora que você sabe um pouco mais sobre os recursos empregados no estudo da Libras, acompanhe abaixo o relato do pesquisador sobre a experiência dele na aquisição da Língua Brasileira de Sinais como segunda língua. Boa leitura!

Texto complementar

Aspectos relevantes na aprendizagem de Libras como segunda língua por um adulto ouvinte

(LEITE; MCCLEARY, 2009, p. 249-253)

Entre os aspectos linguísticos relativos à aprendizagem da ASL destacados por Jacobs (1996) estão: a modalidade da língua, a datilologia ou soletração manual, os classificadores e os sinais não manuais. Além desses fatores, a experiência da presente pesquisa demonstrou a relevância de ainda outros aspectos: a morfossintaxe, o uso gramatical do espaço e a semântica lexical. Passo agora a tratar resumidamente de cada um desses pontos.

Parte significativa da dificuldade na aprendizagem de línguas de sinais por ouvintes está relacionada à diferença entre línguas como o Português, que se apoiam fortemente na audição, e línguas como a Libras, que se apoiam estritamente na visão. Por exemplo, as línguas de sinais parecem exigir um refinamento da visão que os ouvintes precisam desenvolver. Como os demais colegas ouvintes, a minha tendência em meus primeiros anos de aprendizagem da Libras era a de focalizar a atenção nas mãos do sinalizador em detrimento do rosto, perdendo uma série de informações linguísticas importan-

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

tes veiculadas por esse canal. Com o tempo, observei que os surdos agiam de maneira distinta, focalizando predominantemente o rosto e só desviando o foco visual para as mãos em algumas poucas ocasiões (e.g. em alguns casos de soletração manual). A dificuldade de acompanhar a sinalização se agravava em contextos informais, nos quais dois ou mais surdos interagiam ao mesmo tempo. Minha impressão era a de que os surdos acompanhavam esse tipo de conversa sem a necessidade de redirecionamentos da cabeça e do olhar tão frequentes e/ou intensos quanto os meus. Se esse refinamento visual de fato existe – como alguns pesquisadores têm argumentado (e.g. SWISHER *et al.*, 1989) – seria fundamental que os cursos de Libras como segunda língua procurassem desenvolver essa habilidade nos alunos ouvintes, o que não ocorreu em minha experiência.

A datilologia, a soletração de palavras das línguas orais por meio do alfabeto manual, provou-se um elemento de facilidade apenas ilusória. Tendo em vista que o aprendizado das configurações de mão referentes a cada letra do alfabeto ocorre de maneira relativamente rápida e sem maiores problemas, é comum os alunos – e inclusive os professores – considerarem esse um aspecto linguístico que não exige maior atenção nos cursos de Libras. Contudo, como Jacobs assinala, o uso fluente da datilologia no ritmo natural do discurso espontâneo é um dos aspectos mais difíceis de serem alcançados pelos ouvintes, exigindo uma prática muito maior do que se costuma pressupor. Em minha experiência de pesquisa, os cursos de Libras reservaram apenas uma ou, no máximo, duas aulas iniciais a atividades voltadas especificamente para a prática do alfabeto manual, demonstrando que os próprios professores não se davam conta da complexidade e dos diferentes usos dessa prática em seu uso proficiente da Libras.

O plano morfossintático constituiu-se num dos aspectos de maior dificuldade no aprendizado da Libras. Parecia bastante difundida, entre os professores, a ideia de que primeiro devemos aprender sinais isolados para depois aprender a combiná-los, o que se revelava na estratégia de sempre introduzir uma lista de sinais antes de atividades de uso da Libras em interação. Tal visão resultou no desenvolvimento de hábitos prejudiciais por parte dos alunos ouvintes, que se viam sem alternativa a não ser a de empregar os sinais que eles conheciam na estrutura mais linear do português, que difere significativamente da estrutura mais espacial da Libras. Um outro aspecto problemático relacionado à morfossintaxe foi o ensino dos ditos "classifica-

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

dores" – um aspecto das línguas de sinais que, segundo Jacobs, é de difícil assimilação pelos ouvintes. Embora o termo *classificador* seja corrente entre os professores de Libras, bem como entre muitos pesquisadores da área, vejo hoje que ele era utilizado nas aulas como um "termo guarda-chuva" para uma série de fenômenos da produção em línguas de sinais ainda pouco compreendidos. Sem uma base teórica sólida sobre a qual pudessem se apoiar, os professores acabavam dando explicações muito pouco claras sobre o que seriam os "classificadores"; e as atividades que supostamente deveriam trabalhar essa parte da gramática acabavam envolvendo produções que, para mim, ora se assemelhavam a uma pantomima, ora pouco diferiam de sinais convencionais da Libras.

Outra categoria da gramática das línguas de sinais de difícil aprendizagem em minha experiência foram os sinais não manuais (i.e. movimentos do olhar, gestos bucais, acenos e movimentos de cabeça, direcionamento do tronco, entre outros). Como Jacobs aponta, tais sinais possuem funções linguísticas fundamentais para a compreensão dos enunciados nessas línguas (i.e. estruturas de subordinação, distinção fonológica entre sinais, marcação aspectual, entre outras). O aprendizado desses sinais não manuais, já complicado pela sutileza com que eles aparecem no discurso espontâneo dos surdos, acabou sendo dificultado em minha experiência devido a dois fatores principais: em primeiro lugar, o já mencionado vício de focalizar o olhar nas mãos do interlocutor, o que resultava na perda das informações faciais e corporais potencialmente relevantes; em segundo lugar, a pouca ênfase com a qual esses sinais não manuais eram explorados nos cursos frequentados, excetuando as marcas faciais de negação, interrogação e as mudanças na orientação do tronco para a representação de diálogos.

Um último recurso gramatical das línguas de sinais que chamou a atenção pela dificuldade de aquisição foi a exploração do espaço pelo sinalizador. Esse espaço é utilizado não somente para a referência a pessoas ou objetos no discurso, mas também para relacionar elementos numa sentença, suprimindo por meio desse recurso a necessidade de artigos e preposições no estabelecimento de certas relações gramaticais e coesivas. Com o passar do tempo, percebi que mesmo sendo capaz de compreender o uso desse recurso pelos professores, eu, assim como a maioria dos alunos, costumava não empregá-lo na minha própria produção sinalizada. Em se tratando de um uso pouco comum

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

na experiência com a língua oral – embora não ausente (e.g. QUEK *et al.*, 2002) – entendo que a exploração do espaço poderia ter sido mais enfatizada em atividades com a Libras.

No âmbito semântico, as maiores dificuldades de aprendizagem se manifestaram em noções confusas dos professores sobre a relação entre as palavras da Libras e as palavras do português, em parte por causa do modo como as aulas eram estruturadas. De um lado, a forma descontextualizada por meio da qual o vocabulário era ensinado nos cursos básicos sugeria a ideia equivocada de que para cada palavra em português haveria um sinal em Libras de conteúdo equivalente. De outro lado, a forma como esse mesmo vocabulário era expandido no curso intermediário – através de exercícios em que, para cada verbo do português, o professor apresentava uma enorme variedade de sinais como tradução, de acordo com cada contexto frasal particular – sugeria outra ideia, igualmente equivocada, de que para uma única palavra em Português haveria uma enorme multiplicidade de sinais possíveis em Libras. Ambas as formas de tratar a semântica das palavras enviesavam erroneamente o meu entendimento e o de meus colegas, que vinculávamos a compreensão dos sinais à das palavras do português.

Dicas de estudo

- Artigo intitulado "Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda", de Ronice Müller de Quadros e Rachel Sutton-Spence, do livro *Estudos Surdos I,* organizado por Ronice Müller de Quadros, editora Arara Azul, 2006.

  Esse texto permite ao leitor ter uma boa ideia da complexidade de usos que a Libras pode desempenhar, bem como introduz o leitor no desconhecido mundo da poesia surda, posto que sobre ela muito se fala genericamente, mas estudos, como estes, são raros. As autoras analisam comparativamente duas poesias. Uma de um poeta surdo britânico, na língua de sinais própria desse país, a outra de um poeta surdo brasileiro. Por meio de tal comparação, as autoras evidenciam a riqueza linguística e cultural do surdo, apontando o importante papel da língua de sinais na constituição da identidade do sujeito surdo.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

- Artigo intitulado "Organização neural da língua de sinais", de K. Emmorey, U. Ellugi e E. Klima, do livro *Língua de Sinais e Educação do Surdo*, organizado por M. C. Moura., A. C. Lodi e M. C. Pereira, editora da Sociedade Brasileira de Neuropsicologia (SBNp), 1993.

  Este texto permite um estudo em detalhe sobre a localização da Libras no cérebro do surdo, mostrando que, tal como os ouvintes, a Libras ocupa na mente humana o espaço – ou espaços – reservado ao processamento da linguagem. A leitura permite desmistificar que as línguas de sinais não são línguas, não estando, assim, associadas ao "módulo da linguagem".

Atividades

1. Discuta a propriedade da arbitrariedade na Libras por meio dos sinais FAMÍLIA, SOFRER e TEORIA.

2. Discuta o mito de que as línguas de sinais são subordinadas às línguas orais.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

3. O estudo da Libras é necessário mesmo àqueles usuários proficientes. Discuta por quê.

Referências

LEITE, Tarcísio de Arantes; MCCLEARY, Leland. Aspectos relevantes na aprendizagem de Libras como segunda língua por um adulto ouvinte. *In*: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (Orgs.). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009. p. 249-253.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos**: aquisição da linguagem. Porto Alegre: ArtMed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

RÓNAI, Paulo. **A Tradução Vivida**. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

Gabarito

1. A resposta deve versar sobre o fato de que não é possível fazer relação direta entre os sinais e seus significados, daí a característica da arbitrariedade.

2. Aqui o esperado é que o aluno argumente que a Libras tem sua própria estrutura, expressa os significados e conceitos que o usuário quiser, não sendo, portanto, dependente de línguas orais. Pode, inclusive, apresentar como argumento o fato de que Brasil e Portugal possuem línguas de sinais diferentes, considerando que, se a língua de sinais fosse dependente realmente das línguas orais, elas deveriam ser iguais.

3. Aqui é importante que o aluno faça um exercício de autorreflexão, chegando ao ponto em que perceba que o estudo dessa língua é não só útil como requisito necessário ao desempenho da função de intérprete de Libras.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br